



Helena Versiani
no espaço Biroasca,
no Conic, local em
que a estudante de
audiovisual gravou o
curta *Um gosto assim*

Minervino Júnior/CB/D.A.Press

Netflix/Divulgacao



Cenas do documentário *Democracia em vertigem*, de Petra Costa

Divulgação/Letícia Faro



Gravação de *Um gosto assim* na Água Mineral

Mercado Filmes/Filipe Duque



Gravação de *O pastor e o guerrilheiro* na Universidade de Brasília

na categoria de Melhor Documentário. A obra acompanha o processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff, além de discutir a polarização política e as transformações recentes da democracia brasileira. Nesse contexto, a capital surge como cenário direto das disputas institucionais que moldaram o país nas últimas décadas.

A cidade vista por quem filma

Para realizadores que cresceram na capital, filmar Brasília é também um exercício de memória e pertencimento. O cineasta José Eduardo Belmonte, 55 anos, diretor de *O pastor e o guerrilheiro*, destaca a relação pessoal com os espaços da cidade.

“Filmar em Brasília foi um exercício curioso de distância e afeto. Eu morei ali muitos anos e caminhei muito pela cidade, então existe uma memória física muito forte dos lugares. Brasília é uma cidade que se revela para quem anda”, destaca Belmonte, que também dirigiu *A concepção* e *Carcereiros*.

O cineasta afirma que a estrutura urbana da capital cria possibilidades visuais muito particulares. “Brasília tem uma qualidade cinematográfica muito particular. A arquitetura do Niemeyer e o desenho urbano de Lucio Costa criaram uma espécie de cenário permanente. Linhas muito claras,

horizontes amplos, uma sensação de escala que, às vezes, é monumental e, às vezes, profundamente humana.”

Ao mesmo tempo, o diretor aponta que filmar na cidade exige cuidado com a escala. “O principal desafio é justamente essa escala. Brasília é muito aberta. As distâncias são grandes, os eixos são imensos, e isso pode engolir um filme se você não tomar cuidado”, ressalta.

Entre os lugares que considera mais cinematográficos, Belmonte cita o Eixão. “O Eixão sempre me fascinou. É uma avenida que atravessa a cidade inteira e que parece não ter fim”, diz. Para ele, esse tipo de espaço ajuda a construir imagens que dificilmente seriam possíveis em outras capitais brasileiras.

Novas gerações e novos olhares

Entre os jovens realizadores da capital, há também uma busca por ampliar as narrativas sobre Brasília e mostrar aspectos menos explorados da cidade. A estudante de audiovisual da Universidade de Brasília Helena Versiani, 21, acredita que a cidade influencia diretamente a forma como seus habitantes criam histórias.

“Eu acho que a cidade em que a gente vive, em que a gente cresce, com certeza, é uma coisa que nos molda muito, porque impacta todo o nosso cotidiano, todo o nosso modo de vida, nosso jeito de falar, as

nossas referências”, afirma.

Para ela, o cinema produzido na capital ainda tem muito espaço para explorar novas perspectivas. “Muitas vezes esses filmes gravados aqui se resumem a esses pontos mais ‘emblemáticos, mais turísticos de Brasília’.”

No curta-metragem *Um gosto assim*, produzido durante a graduação, Helena decidiu seguir um caminho diferente. A proposta do filme foi explorar lugares que fazem parte do cotidiano dos moradores da cidade, mas que raramente aparecem nas produções audiovisuais.

Entre os cenários escolhidos estão a Água Mineral e a Biroasca, espaço cultural localizado no Conic. “A Água Mineral me interessa por ser um lugar de lazer onde pessoas de diferentes idades e partes do DF se encontram”, reflete.

Segundo ela, o objetivo do curta era justamente mostrar uma Brasília mais cotidiana e menos monumental. “A gente sempre vê muito os prédios famosos e os cartões-postais, mas existe uma Brasília muito viva nos lugares de encontro, de lazer e de convivência.”

A jovem realizadora também cita outros espaços que poderiam aparecer mais nas telas, como a Nicolândia, a Prainha a caminho do Paranoá e galerias comerciais de Taguatinga. “Esses lugares têm muita vida e muitas histórias acontecendo ao mesmo tempo. Acho que o cinema poderia olhar mais para esses espaços.”

Cerrado como cenário

Outro estudante de audiovisual que também investiga novas formas de representar a capital é Angelo Pignaton, 25. Em seus trabalhos, ele busca explorar a relação entre paisagem, memória e identidade regional. Em 2023, ele realizou o curta-metragem *Aves coloridas*, premiado no 22º Festival Brasileiro de Cinema Universitário (FBCU) e na 20ª Mostra do Filme Livre.

Angelo reforça que o Cerrado e a geografia do Planalto Central também contribuem para a identidade visual do cinema local. “Considero o Cerrado especialmente cinematográfico. Os campos vastos, o horizonte amplo, a vegetação baixa. É um lugar especial de se filmar.”

Ele destaca que a paisagem aberta da região cria imagens diferentes das encontradas em outras capitais brasileiras. “Eu acredito que a vastidão do Planalto faz com que o horizonte se torne mais amplo no DF. É uma característica geográfica que não se encontra em qualquer lugar.”

Nos projetos que desenvolve durante a graduação, Angelo tem buscado experimentar diferentes linguagens visuais e narrativas. Alguns de seus trabalhos já circularam em mostras e festivais estudantis, o que, segundo ele, ajuda a fortalecer a produção audiovisual universitária da cidade.

Para o estudante, o ambiente acadêmico desempenha um papel importante nesse processo. “A universidade cria um espaço em que a gente pode testar ideias, experimentar formatos e contar histórias que talvez não encontrassem oportunidade em produções maiores.”